



ACADEMIA CANGUÇUENSE DE HISTÓRIA
ACANDHIS



Foto do batizado Natal de 1932

MINHAS LEMBRANÇAS INFANTIS 1931-1944 DE CANGUÇU- RS

Cláudio Moreira Bento
2008

CLÁUDIO MOREIRA BENTO



**LEMBRANÇAS INFANTIS
DE CANGUÇU - RS
1931- 1944**

2008

SUMÁRIO

Introdução	03
Minhas mais recuadas lembranças	04
Distrações e diversões infantis	04
Banhos de arroios no verão	06
Coleta de frutas silvestres	09
Pescaria de lambaris	11
Outras distrações infantis	11
Outros brinquedos usados de tempos em tempos	12
Bicicletas	13
Andar a cavalo	14
Passeios de carretas	15
A praça de Esportes	15
Côco raspado com franja	16
O Natal e festas juninas	16
A Igreja Matriz	17
Colégio Nossa Senhora Aparecida	19
Lembranças de doces na infância	22
Jogos caseiros	23
Ouvir histórias de Pedro Malazarte, etc.	24
Caçadas de pássaros e conversas sobre assombrações	25
Queda num poço de 4 metros	25
Minha introdução na vida social	26
Um castigo original muito útil no futuro	26
Visita ao Colégio Aparecida do Bispo D. Joaquim Ferreira de Mello	27
Jogar Pelada (Futebol)	28
Minhas cicatrizes corporais	29
A primeira viagem à Pelotas	30
A primeira viagem à Rio Grande	32
A primeira viagem à Piratini	34
O Tiro de Guerra 31 e o Destacamento da Brigada Militar	34
Homenagem aos meus contemporâneos: meninos e meninas	35
Fotos da Infância e Meninice	38

CIP - CATALOGAÇÃO INTERNACIONAL NA PUBLICAÇÃO

Bento, Cláudio Moreira

Minhas Lembranças Infantis 1931-1944. Canguçu-RS / Gráfica e Editora
Irmãos Drumond Ltda, 2008

42 p.

ISBN: 978-85-60811-05-2

- 1- Cláudio Moreira Bento
- 2- História de Canguçu / RS
- 3- Memória Canguçu / RS - 1931/1944

Introdução

Ao sermos empossado acadêmico da Academia Barra-Mansense de História, em 30 de outubro de 2006, na cadeira Marechal Floriano Peixoto, lá tomei conhecimento do assunto História do Cotidiano.

Então decidi recordar eventos de minha infância e meninice em Canguçu, no período 1931-1944, como uma História do meu cotidiano, para servir de comparação ao cotidiano infantil das atuais e futuras gerações de canguçuenses.

Da infância e meninice de meus pais muito pouco conheci, e nada de meus avós.

Recordar com colegas o cotidiano infantil de nossos pais, pouco conseguimos saber das circunstâncias de suas infâncias e meninices.

Lembro que meu pai contava de sua infância na Barra de Rio Grande onde testemunhou, aos cinco anos, a entrada na barra de parte da Esquadra Revoltada, o desembarque de mulheres de soldados famintos invadindo quintais arrebanhando tudo que havia para comer.

Outra lembrança foi a de ter entrado numa tampa de baú e inadvertidamente a mesma ir saindo em direção à barra, até que foi socorrido por pescadores que acudiram sua mãe desesperada!

Já menino, lembrava o incidente numa fazenda na Estação Cerrito, a qual foi administrada por seu pai. Ele possuía cerca de 12 anos e ao tentar laçar teve seus dedos presos no laço esticado entre o boi laçado e o cavalo.

Creio que sua infância foi muito feliz na Barra do Rio Grande, em Itapuã e na fazenda em Cerrito, administrada por seu pai antes de ser eleito vice-intendente de Canguçu em 1905.

Pois com freqüência recitava para nós esta poesia de Raimundo Correia, a qual foi colocada em sua lápide na entrada do cemitério de Canguçu - à esquerda, por sugestão creio de sua filha Carmem Bento Viana e ora retirada para a reforma do túmulo que pretendo um dia ocupar, mas não tenho pressa!

“Oh que saudades que eu tenho.
Da aurora da minha vida.
Da minha infância querida!
Que os anos não trazem mais.”

MINHAS MAIS RECUADAS LEMBRANÇAS

A mais recuada lembrança foi quando iniciei a caminhar e ao atingir a saída da casa rolei escada abaixo e passei então a prevenir esta possibilidade.

Nesta altura eu já figurava em duas fotos. Uma de meu batizado no Natal de 1932 e outra em dezembro de 1933, na inauguração da luz elétrica. E ambas na frente de minha casa. Veja as fotos no final. Contam certas atitudes minhas e inclusive um corte profundo no punho esquerdo com gilete, e o ter arrancado a unha do dedo indicador direito, eventos dos quais não guardei nenhuma lembrança dos fatos, nem de haver sentido dor. Contou minha irmã Luiza que ao nascer seu filho Flávio por volta de 1934 quando eu tinha cerca de três anos eu o presentiei com 400 réis que enrolado num papel coloquei com cuidado em suas roupas de recém nascido.

Outra coisa que falam e que não lembro era a minha preferência para comer ovos cozidos. Recordo mais tarde a minha preferência por consumir gemadas.

DISTRAÇÕES E DIVERSÕES INFANTIS

CINEMA: Ainda me lembro do Cinema Mudo na rua da Igreja onde recordo haver assistido um filme mudo, Fradiavalo, um cossaco russo e alguns teatros como o do ventríloquo Acy Portela com seus bonecos Chandoca, Juquinha, Margarida, etc.

Lembro também da Maestra, uma pianista sempre vestida de homem e que vendia uma sombrinha de papel crepom recheado de balas.

Em 1939 foi inaugurado o cinema falado, Cine Teatro Glória com sessões as quartas feiras e domingos. E possuía uma

sirene para anunciar que a sessão estava próxima de iniciar, sinal também que o filme havia chegado de Pelotas. O cinema era no local onde hoje funciona a Rádio Cultura.

E a sessão de cinema era o prazer maior para a meninada que sentava bem à frente, para evitar sentar atrás dos adultos que lhe tirassem a visão. A torcida era para que passasse desenhos de Tom e Jerry ou dos Três Patetas.

Havia também a galeria que era ocupada pelos mais pobres que pagavam mais barato.

O primeiro filme que ali assisti lembro de um naufrágio de um navio à vela e entre um emaranhado de cordas um jovem sendo arrastado para o fundo.

A lembrança mais marcante foi o filme: A Carroça da Morte, a qual fazendo um ruído fantasmagórico se aproxima do morto em potencial para levá-lo para o outro mundo. Era fortíssimo para crianças. Existia uma cortina com propaganda diversas e pintado pelo ventríloquo Acy Portela, um ídolo nosso na época.

Lembro dos modernos automóveis de praça para a época. Um Ford 39. Viajei nele atrás no banco do meio entre um casal. Era de Osmundo Tarouco, casado com minha prima Lalinha e pais de Maria Alice que faleceu muito moça e, o outro um modelo mais antigo de José Brigada, em realidade José Cardoso e, filho de Bié Cardoso e natural de Ingracio Valente farmacêutico local

Meu pai encontrava no cinema uma janela para o mundo e terminada a sessão, chegando em casa ele comentava o filme. Creio que ele e minha mãe muito apreciariam a TV que não chegaram a possuir.

CIRCOS: Vez por outra passavam pela vila circos. O mais notável foi o Circo Ideal que acampou num campinho que pertencia a um curtume de Nereu Morales e onde hoje se ergue um templo protestante. Marcou muito, notícia da queda do trapézista que quebrou a clavícula. E foi assunto que dominou as rodas infantis.

Recordo um circo de touradas onde os bois brabos recru-

tados em fazendas da região, eram usados na arena com os chifres encapados com couro.

Foi na chegada de uns touros no circo que ao fugir para não ser alcançado por um deles que me enredei numa cerca de arame enferrujado e tive cortado na perna esquerda abaixo da sua batata um corte de cerca de 4 cm com arame enferrujado, que foi tratado pelo Dr. Victor Bachieri e com curativos feitos pelo meu pai, que gostava muito desta tarefa e se equipava bem com o material de pronto socorro que guardava para suas projetadas pescarias. Recordo ainda às vezes em que participei da propaganda, com o palhaço montado de costas para a cabeça do cavalo e nós meninos respondendo as suas perguntas.

P: E o palhaço o que é? R: É ladrão de mulher!

P: E a negra no portão? R: Tem cara de tição!

P: Hoje tem patuscada? R: Tem sim senhor!

P: E quem leva a namorada? R: Ela não paga nada!

E assim por diante....

A grande aventura da meninada era entrar sem pagar, passando por baixo da lona.

BANHOS DE ARROIO NO VERÃO

No verão, a grande atração era a tarde tomar banho em locais próprios, para tal, existentes nos arroios que circundavam a vila.

No arroio a Leste, existiam se bem me lembro o Banho de Seu Baltazar, na altura onde a Avenida Exército Nacional passa por cima do arroio. Foi nele que tive a minha primeira experiência de nadar nas costas de alguém, causando-me um grande susto o momento em que só a minha cabeça ficou fora d'água.

Foi neste local que pela primeira vez escutei, sem entender, uma poesia cheia de palavras feias e chegando em casa, as repeti, sendo advertido por meu pai. Depois entendi o seu significado chulo.

Neste local conheci encantado o Martim Pescador que

mergulhava no arroio para pescar lambaris.

Mais abaixo (a jusante, como aprendi no Exército), existia o Banho do Seu Doca, muito procurado aos sábados pelos homens para higiene pessoal. Este local ficava na confluência de um arroio que vinha do Curtume de Nereu Morales e antes passava nos fundos do Colégio Aparecida e no sopé do Cerro da Liberdade e sobre ele uma pinguela que dava acesso a Chácara de minha avó Firmina Moreira.

Lembro que pesquei o meu primeiro peixe, um pequeno lambari no banho do Seu Doca, que acidentalmente fisguei pela barriga, ao retirar o anzol de dentro d'água. Para nadar um pouco, dali íamos para o banho do Seu Baltazar. Lembro de em caminho ter conhecido a primeira lagartixa que atingida por uma pedra deixou seu rabo caído e se mexendo. Foi impressionante. Neste arroio bem mais abaixo, a jusante da ponte sobre o arroio na rua Cel Paranhos existia outro banho muito freqüentado o qual mergulhávamos de um barranco. Certa feita ao mergulhar fui surpreendido por sua pequena profundidade resultado de seu assoreamento depois de fortes chuvas. Felizmente logo me recuperei do golpe.

Ao Oeste, no arroio no sopé do Cerro dos Borges existia o Banho do seu Rostand, ou dos Batistas nas imediações da ABB. Neste local a Igreja Batista fazia os seus batismos de imersão.

Lembro certa feita que sozinho me dirigi a este local. E me atirei n'água sem saber ainda nadar e não deu pé, como era de costume. E me debatendo consegui avançar um pouco até dar pé. E assustado corri para casa salvo de me afogar!

O que tinha acontecido na véspera fora uma espécie de dragagem manual do local para a realização de batizados de batistas.

Mais tarde, na Administração do Dr. Jaques foi construída ali ou próximo, uma espécie de piscina com água natural.

Ainda próximo do final da década de 30 foi construída no arroio de Leste, uma represa apelidada de Marenostum, alusão ao Mediterrâneo e pelo Dr. Walter O. Prestes e construído no fundo da chácara de minha avó Firmina Moreira por inicia-

tiva creio do Dr. Nicanor Monfrin. Hoje é local da represa que abastece a cidade.

Neste local foi que em 1941/42 aprendi a nadar no estilo crawl australiano, com o tenente Helio Ibiapina Lima com o qual mantenho contato deste então. Pouco tempo depois o local foi ampliado e transformado em represa para abastecer a Estação Ferroviária de Canguçu e instalações da mesma, e proibido o seu uso para natação.

Por esta época surgiu a represa do Esporte Clube Cruzeiro, no final Norte da Rua General Osório, no sopé do Cerro da Liberdade.

Lembro que revelei boa capacidade de mergulhar em distância e em duração de mergulhos para procurar e encontrar no fundo moedas jogadas por pessoas ali presentes, como desafio. Hoje não existem mais vestígios da mesma. A rua passou por cima e o Cerro da Liberdade foi arrasado.

Outro local muito concorrido era o Banho do João Paulo Duarte, nas nascentes do rio Pantanoso e balizado pelo Cerro Partido que terminava junto dele.

E em todos estes banhos de arroio o traje era o natural – pelado.

Era tanto a freqüência destes locais que terminava no meio da temporada aparecendo doenças de pele. E em todos estes locais era preciso estar de olho nas roupas para evitar “os biscoitos”, ou nós cegos dados nas pernas das calças e braços das camisas. Às vezes havia oportunidade de excursões a poços do arroio Pantanoso ou no rio Camaquã. Creio que esta atividade no verão assumia especial prazer para a meninada para enfrentarem o calor. Às vezes íamos duas vezes.

Hoje os arroios que envolvem Canguçu estão tomados pela poluição e com pouca vazão! E principalmente poluição hospitalar. Lembro que no arroio Leste se aglomeravam as lavadeiras que lavavam as roupas de muitas famílias inclusive da minha.

Abaixo da confluência dos arroios de Leste e Oeste existiu por uns tempos, o Banho dos Radke, resultado do represamento do arroio e que permitia uma nadada mais longa. Ali

gostava de mergulhar a distância. Creio que uma enchente acabou levando a barragem.

COLETA DE FRUTAS SILVESTRES

E colher pitanga era uma prática prazerosa. Cada um levando a sua caneca. As pitangas eram abundantes na margem esquerda do arroio de leste, a partir de Passo Feio, na rua Maria da Conceição (D. Noca) minha avó paterna, e no campo do Sr. Eduardo padeiro. Era uma festa!

Guabiobas. Existiam 3 pés em Canguçu do que recordo. Uma nos fundos de minha casa, outra em terreno que pertencia a meu pai e próximo ao arroio de Oeste, onde existiam goiabas silvestres e marmeleiros que produziam bastante, e eram aproveitados por minha mãe para fazer marmelada escura e marmelada branca em tabletes, os quais durante a secagem eu ia consumindo aos poucos.

Outra goiabeira ainda existe em rua aberta, e no meio da mesma e por cuja conservação muito se empenhava Ademar Almeida, chegando a me escrever para lutar para que não fosse posta abaixo. E lá ela se encontra!

Outra atividade era a coleta de figuinhos no Figueirão que ficava num canto do cruzamento da rua d. Maria da Conceição com a D. Otaviano. Além dos figuinhos havia o desafio de subir no mesmo e andar em todas as suas direções, transpondo de um galho para outro.

Outra figueira era no Colégio Aparecida onde hoje existe uma gruta. Era notável a aventura de subir pelo tronco principal e descer por seus galhos. Em torno de seu tronco alguns alunos se reuniam nos recreios.

Colher guabijus era outra atividade infanto-juvenil muito gostosa. Existia um pé nos fundos da casa de Egidio Camargo, outro no terreno atrás do cinema ao que recordo. A coleta de araçás era outra atividade prazerosa. Eles eram abundantes na Chácara de minha Vó Firmina, a partir do final da cancha reta na região onde hoje se ergue uma Vila Militar da Aeronáutica, no início da rua Firmina Moreira, minha avó materna.

Na região do Cerro dos Borges e cercanias existiam guabiobas do campo em plantas rasteiras que chamaram a atenção do Bispo do Rio de Janeiro quando em visita a Canguçu em 1815 conforme abordo em meu livro Canguçu – reencontro com a História.

E havia a coleta furtiva de frutas em propriedades alheias. Uvas na propriedade de Francisco Jorge, contígua ao Colégio Aparecida, melancias nos Timm, ameixas brancas e vermelhas e, Araticum ou fruta do Conde no potreiro do seu Antonico Valente, na rua André Puente com a Bispo d. Otaviano. E fui pego certa feita pelo seu Antonico com a boca na botija e foi um constrangimento recíproco. Pois antes, ele costumava gritar lá do alto dando oportunidade de escaparmos a tempo.

Grande novidade era o excursionar até a propriedade de Nelson Goulart, dono de um grande laranjal ou então na chácara de Seu Escalier

As laranjas e bergamotas eram muito baratas. Comprava-se um saco por 2 mil réis e até menos. Lembro que certa feita comprei um réstea de cebola casca branca por cem réis ou um tostão que emprestei a minha mãe.

Bananas e maçãs não existiam a venda na vila. Bananas meu pai trazia de Pelotas numa cesta. Maçã a primeira que comi foi em 1941, aos 10 anos, comprada no Abrigo de Bondes em Pelotas. Era horrível. Ela esfarinhava. Foi decepcionante!

Existiam pêras e maçãs na horta da minha casa. Mas elas não amadureciam e estragavam antes. Eram usadas para fazer sopas de frutas ou as comer assadas.

Na horta de minha casa existiam figos, bergamoteiras, um pé de laranja do céu, ameixa do Pará, uma ameixeira, três macieiras e três pereiras de qualidades diferentes. No jardim existiam duas parreiras uma de uva branca e outra de uva Izabel. Deliciosos os figos dos terrenos da prima Note Moreira Caldeira, mãe Tereza Moreira Caldeira. Outra coleta eram de coqueiros dos coqueiros da praça Marechal Floriano que caíam no chão ou eram arrancados a pedradas nos momentos em que o zeloso jardineiro Gregório se afastava para a sua casa.

PESCARIA DE LAMBARIS

O local melhor era as nascentes do arroio Pantanoso, ao fundo da atual Associação Rural. Pescava-se de anzol, lambaris, jundiás e dentudos.

Eu creio haver introduzido a pesca com peneira, a empurrando contra a vegetação submersa dos diversos poços das nascentes e de lá retirando lambaris para fritadas feitas com carinho por minha irmã Carmem Bento Vianna.

O Camaquã, no meu tempo, os peixes eram já raros, pois caçados implacavelmente com anzóis, redes e bombas nos poços. Os cascudos até então desprezados por seu feio aspecto, passaram a ser apreciados ao alguém experimentar sua carne branca.

OUTRAS DISTRAÇÕES INFANTIS

Uma era o carro de descida ou de lomba com e dois eixos o traseiro fixo com rodas maiores e o dianteiro servindo como direção com os pés. Os locais preferidos – a descida da atual rua Cel Genes Gentil Bento, da Prefeitura até a cacimba existente na rua Almirante Barroso; a descida pela rua Cel Hipólito Ribeiro, da altura da Igreja Batista atual, até a General Câmara, virando a direita. E ao longo da Avenida 7 de Setembro desde a casa de Zezeco Pereira, até a Cacimba da Prata.

Para este trajeto eu e meu amigo Ari Terres éramos rebocados até o ponto da largada, pelo cavalo de montaria de seu pai Desinho Terres. Pois subir puxando o carro nem pensar!

Destacavam-se em velocidade com seus carros Ademar Almeida e Orestes, filho de Longin Von Hausen, que chegaram a usar rolamentos nas rodas girando sobre eixos de válvulas de motor. Era uma grande diversão. As rodas, as encomendávamos ao marceneiro Adolfo Shoroeder, que morava ao lado do Colégio Irmãos Andradas. As rodas eram envoltas em tiras de borrachas de pneus.

Outra diversão era o jogo de bolinhas de unha (bolas de gude), nas modalidades de Imba e Gaia. O Imba era um bura-

co feito no chão usando-se o calcanhar para abri-lo em terreno fofo ou aperfeiçoá-lo. A Gaia era um triângulo riscado no chão no qual uma bolinha para cada concorrente era colocada nos vértices. Em ambas, os competidores tomavam distância e lançavam suas bolinhas visando ficar o mais perto possível do Imbá e da Gaia. A partir daí, com o impulso da unha do dedão da mão direita procurar se aproximar da gaia ou do imbá, e a “nicar” as bolinhas da gaia ou atingir o interior do imbá.

Existiam as bolinhas e os “bochões”. Este uma bola de maior diâmetro.

Era um dos jogos que mais interessava os meninos que carregavam no cinto ou no bolso as bolinhas compradas ou conquistadas. Havia meninos que chegavam a furar a unha do dedão.

Veza por outra apareciam balas envoltas em figurinhas como as balas Joãosinho que eram colecionadas avidamente e trocadas ou disputadas em jogos.

Outros brinquedos que apareciam e desapareciam de repente. O biblioque, o bodoque (estilingue, atiradeira), o arco, uma roda de arco de barril, e outras variantes de arco, que rodavam impulsionados por uma haste de arame, dobrado na ponta em forma de meio quadrado. Havia a temporada das pandorgas, balões e papagaios. Brinquedo este que era muito usado na Semana da Asa, período do Estado Novo (1937-44) e lançadas do cerro atrás do Hospital. Aliás, neste local do hospital uma família de japoneses cultivou uma horta. E a mesma derrubou uma mata natural para fazer carvão no local desmatado no cerro dos Borges onde hoje se situa o Clube de Tiro.

OUTROS BRINQUEDOS USADOS DE TEMPOS EM TEMPOS

Pião, Pernas de pau, Pedra Livre, de Esconde-esconde e a Procura do Tesouro nas matas dos terrenos hoje de José Moreira Bento e Severino Terres e jogo de tampinhas de cerveja etc.

BICICLETAS

Lembro que ganharam bicicletas para o sexo feminino em cerca de 1939 minha irmã Marpha, Yone Prestes e Ilva Cardoso, neta de Bié Cardoso, dona de Hotel.

E recorro meu pai na rua da Igreja tentando ensinar-me andar de bicicleta, agarrando no guidom e no bagageiro. E logo aprendi a andar e a fazer piruetas e andar por tudo que era lugar e até ganhando alguns tostões ao custo de permitir que outros garotos dessem uma volta.

Tornei-me um bamba e a guiava de pé, colocando um pé entre o banco e o guidom e outro por cima deste no paralama dianteiro.

E descia a toda velocidade na rua General Osório entre as travessas Exército Nacional até o meio da quadra depois da quadra seguinte, quando ela perdia o impulso e começava a parar. Foi numa dessas situações que a roda dianteira bateu numa pequena pedra e caiu e eu junto com ela e de cabeça numa pedra, criando um ferimento feio acima da pálpebra direita. Fui socorrido pelos presentes que lavaram o ferimento com cachaça e me transportaram nos braços até um sanatório defronte ao Colégio Aparecida, onde fui medicado e colocada uma bandagem que orgulhoso me fizeram sentir como uma touca de aviador. Outra queda foi defronte a Oficina de Zé Gonçalves. A bicicleta deu uma derrapada e caiu no chão. E a ponta do comando do freio traseiro penetrou fundo na perna direita, abaixo do joelho.

Lembro que fui socorrido pela avó Pinheiro, de Cairo Moreira Pinheiro a qual lavou o ferimento com uma infusão de ervas em cachaça e cobriu o ferimento com uma faixa de pano.

Sempre tive paixão por duas rodas e desde 1980, há 25 anos tenho possuído diversas motos. E de moto tenho andado em Canguçu, matando as saudades dos “verdes campos do lugar”. Uma atividade comum na minha infância e meninice era andar a cavalo (cavalgar).

ANDAR A CAVALO

Recordo alguns incidentes ocorridos. Na Lacerda andando num petiço tordilho, do Adão Couto Terres, o atropelou e ele saiu correndo. Ao perceber uma valeta no trajeto tentei freiá-lo, mas era tarde e ele saltou a valeta comigo. Foi muito lindo! Outra vez, vindo de Lacerda para Canguçu em companhia de meu amigo Ari Terres e montando sua peliça Torta (cega do olho direito), e correndo ao lado da estrada, fui desviá-la para esquerda e jogando o corpo nesta direção. Mas ela não atendeu e me fui ao chão e por pouco sua pata traseira não atingiu em cheio minha região genital. Certa feita, no Colégio Aparecida, fui transpor a cavalo um estreito portão que dava acesso do Recreio Feminino, a um campinho ao lado e cuidando para não apertar as pernas na passagem, a ergui e enganchei minhas calças compridas nos moirões da porteira. O cavalo prosseguiu e eu fiquei dependurado pela boca das calças nos moirões. Foi humilhante...! Outro amigo de infância Nede, a sua avó Venécia possuía um carroça para comerciar em carreiras de cancha reta, onde armava sua barraca que vendia rosquinhas e outras gulodices e num canto participava de uma mesa de pôquer.

Sua carroça era puxada por um cavalo e um burro empacador. Um dia Nede dirigindo o burro e eu na sua garupa fomos passear com o burro. E depois de antigo paço na saída para Pelotas, o burro caiu e fomos lançados fora a beira da estrada. Passado algum tempo acordei e acordei o Nede (Pichulin) e o burro estava de pé ao lado com um sinal de haver batido forte com sua testa no chão.

Certa feita eu e Ari Terres resolvemos ir a um baile no Bida Silveira, na estrada que vai para a Vila dos Campos.

Lá os escondemos num mato para evitar roubo por corte (corte das crinas e cola por alguém) para vendê-las. E fomos dar umas olhadas no baile. Lembro numa sala uns jovens se exibindo no “jogo da talho”, um jogo usando a mão direita figurando com um facão.

Na hora de voltar e diga-se, em pelo, o meu cavalo, noite escura, decidiu correr na escuridão, sem atender o meu comando de trotar ou caminhar. Cansado de tentar pará-lo confiei na sua visão e o deixei correr. No outro dia o pai de Ari deve ter estranhado o cansaço de seus cavalos de montaria.

A geração acima da minha costumava ir se divertir no que denominavam fuziladas. Esta consistia a noite, nos pátios dos hotéis apanhar os cavalos dos hóspedes dos 4 hotéis, guardados em locais diferentes e andar grande parte da noite galopando na periferia da vila.

Lembro de um cavalo chamado Marinheiro que tinha a espinha arqueada e saliente a qual machucava muito o assento do cavaleiro. Lembro certa noite meu pai fazendo curativo no meio do meu assento esfolado de cavalgar o Marinheiro que pertencia a um hóspede seu Alírio. Este certa feita tentou agredir meu irmão José e tivemos que enfrentá-lo. Quando ele corria atrás de um de nós o outro o atacava por trás. E assim o cansamos sem agredi-lo e sem sermos por ele alcançados.

PASSEIOS DE CARRETAS

Era comum na minha infância e meninice o uso de carretas para transportar lenha para vender ou levar cargas diversas do interior para a vila e vice e versa. E a diversão para mim e para outros meninos era embarcar nelas vazias e andar longos trechos e depois voltar a pé para Canguçu.

A PRAÇA DE ESPORTES

No início da década de 40 foi criada a Praça de Esportes hoje Praça Dr. Jaime de Farias. A novidade atraiu no início grande parte da população para experimentarem os balanços, as gangorras, o escorregador, a roda gigante e a barra.

Passado algum tempo à frequência caiu e passamos a utilizá-los sem a grande concorrência inicial, até enjoar a novidade.

CÔCO RASPADO COM FRANJA

No meu tempo meu cabelo era raspado (côco pelado ou acrescido de uma franja). Isto defendia contra os piolhos.

O barbeiro mais usual era no Salão de Oscar Caldeira na esquina da rua André Puente com a Osório, tendo ao lado a Casa Santo Antônio de Antônio Valente, e na frente a venda de Santos Paltrinher.

O momento mais esperado era o uso de um aparelho que lançava vapor refrescante para molhar o cabelo. Estas eram as circunstâncias de vida em minha infância em matéria de diversões e distrações.

O NATAL E FESTAS JUNINAS

Naquela época não havia festas como hoje no Natal. Esta festa se resumia em colocarmos os sapatos embaixo da cama para esperar que o Papai Noel deixasse o seu presente, em geral uma moeda, e uma vez nada! Lembro que a igreja Batista distribuía presentes as crianças e foi com grande emoção que dela recebi um bonde de lata.

Havia o costume para incentivar a extração de dentes de leite, os envolver num pedaço de papel e jogá-los debaixo do fogão e no outro dia encontrar uma moeda deixada por uma bruxa.

As festas juninas se limitavam a queima de fogueiras e alguns foguetes (traques da china, busca-pés e bombas de parede).

Meu pai fez alguns anos fogueiras ao lado da casa e lançava alguns foguetes diferentes que adquiria em Pelotas. Eu tinha um fascínio por foguetes. Lembro que com cerca de 4 anos me colocaram num automóvel e fomos integrando um enorme cortejo para recepcionar meu pai reeleito prefeito. Lembro de foguetes lançados coalhando o piso de um Ford “guarda louça” dirigido por um motorista Inácio, cunhado de Nelson Goulart, que fiz me prometer que guardaria todos aqueles foguetes vazios para mim. E os espero até hoje! Como

espero muitos petiços que me prometeram. Aliás, um costume comum enganar as crianças com a promessa de doação de um petiço, sonho de consumo infantil naquela época.

Numa festa junina, em que eu tive que ficar na cama em razão “de um embaraço gástrico,” me prometeram de presente alguns foguetes.

Mas neste dia houve um duelo de busca-pés e um deles atingiu a mão esquerda de meu irmão Genes, na qual os foguetes que portava se queimaram e ele teve esta mão bastante queimada. E assim lá se foram os foguetes que me prometeram.

IGREJA MATRIZ

Sobre a Igreja N. S. da Conceição me ocorrem as seguintes lembranças infantis coincidentes com o período dos franciscanos holandeses, padres, Sinfonias Balvert que me batizou, padre João Brower, um amigo querido das crianças e o padre Florindo.

O padre João marcou a comunidade. Lembrei de sua residência na visita do Bispo de Pelotas D. Joaquim Ferreira de Melo. Eu e outros meninos fomos por ele recebidos numa enorme sala, que dava para uma área coberta no fundo. Sala que possuía quartos dos padres de cada lado, com vistas para o pátio interno e a rua.

O acesso era por uma porta atrás da Igreja que dava acesso por um enorme corredor tendo a direita uma sala de visitas e mais adiante uma entrada que logo a direita situava-se o quarto do sacristão e a esquerda a cozinha e seguindo, acesso a enorme sala de refeição e quartos.

No fim do corredor de entrada existiam instalações sanitárias modestas e a esquerda uma entrada para a sacristia.

Nesta sala lembro de figuras em quadros. Numa um piedoso no seu leito de morte, tranqüilo tendo ao lado da cama um anjo. Noutro quadro um pecador com expressão de horror tendo ao lado do leito um demônio. Era impressionante!

Nesta sala ficava os paramentos dos padres e os do sacristão.

Fui uma vez sacristão o que encheu de orgulho minha mãe. Lembro que eu olhava firme para o sacristão Assis, empregado dos padres e imitava tudo o que ele fazia.

Uma tarefa muito cobiçada pelos meninos, era tocar os sinos da Igreja.

A torre dos sinos era a da esquerda. Ali se tinha acesso por uma escada que levava até o coro da Igreja, onde existia um órgão (um tipo lembrando um piano). Dali se chegava a torre por uma escada faltando degraus o que exigia cuidado. E dali se enxergava o fundo onde existiam algumas ossadas humanas.

Era linda a vista da torre, um dos locais mais altos com linda vista ao redor. Lembro que certa feita distraído, ao tentar parar o sino, me pendurei na corda que o acionava e ela me puxou junto e bati com a cabeça com toda a força numa viga de madeira. A outra torre construída em 1912 no centenário da Freguesia era vazia e com seu assoalho coberto de excrementos de pombas que ali se abrigavam.

Embaixo desta torre ficava a sala com a pia batismal feita em 1851, por um francês. Pia que considero uma das mais preciosas relíquias do passado e na qual diversas gerações de canguçuenses receberam o sacramento do batismo. E inclusive eu em 25 de dezembro de 1932, com pouco mais de um ano da qual restou minha 1ª foto, linda por sinal.

Lembro das aulas de catecismo aos domingos à tarde. Lembro ainda das seguintes palavras da leitura do Catecismo.

P. És cristão?

R. Sim sou cristão pela graça de Deus.

P. Qual é o verdadeiro cristão?

R. É aquele que crê e professa a doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Lembro de minha mãe, uma espécie de presidente da Congregação do Sagrado Coração de Jesus, vez por outra fazia a substituição das flores murchas dos vasos nos altares. Lembro do odor desagradável que exalavam aqueles vasos e as flores murchas jogadas num terreno lateral da Igreja. Hoje houve uma mudança nesta prática.

Operação que minha mãe executava no cemitério, ao mudar as flores dos vasos dos seus entes queridos falecidos e amigos. E eu a acompanhei várias vezes.

Estas práticas criaram em mim, um despreço por flores fora de seus pés.

Muitas vezes distribuía para minha mãe um boletim da citada Congregação as integrantes da mesma e recolhia a ínfima contribuição mensal de 100 réis.

Nas procissões eu como outros meninos costumávamos pisar no calcanhar dos que iam na frente e arrancar os sapatos dos mesmos, fingindo angelicalmente uma distração.

Hoje tenho orgulho de ser o historiador da Igreja Nossa Senhora da Conceição.

COLÉGIO NOSSA SENHORA APARECIDA

Estudei no Colégio Aparecida, por 6 anos, dos 6 aos 12 anos de 1938 a 1944. Lembro com saudades daqueles tempos. Lembro do 1º dia ao chegar na escola vi sentado numa área coberta, em bancos ali existentes, o Deusinho Ribeiro e sua irmã. Eram filhos do Sr. João Ribeiro, comerciante na estrada mais tarde abandonada, que vinha de Canguçu, dobrava a esquerda na altura do atual Presídio Municipal para retomar a estrada Canguçu-Piratini, mais adiante, substituída que foi por um trecho mais direto e mais plano.

Lembro do meu entusiasmo ao chegar em casa, me deitar na cama de meus pais e contemplar o livro, se não me falha a memória, Vamos ler! Foi a única vez que estudei. E as primeiras lições eram a da Uva e do Ovo.

Durante 4 anos freqüentei a aula da Irmã Flávia que me alfabetizou. Aula que ficava debaixo da Clausura e ao lado de outra sala a do 4º ano da Professora Ana Valadão que havia sido criada pelas irmãs.

Fui um mau aluno da irmã Flávia, como os demais meninos da sala. Creio que faltou a liderança da mestra sempre irritada, impaciente e agressiva.

Rodei no 1º ano, no 3º fui reprovado e fui transferido para

o 4º ano com a Professora Ana. Esta conseguiu de mim uma grande dedicação e aplicação. Como explicar isto é o que me pergunto?

Ao passar para o 5º ano e 6º no Colégio e de novo meu comportamento foi deficiente. Na aula de trabalhos manuais com serrinha eu e o Osmar Telesca de tanto perturbar, fomos transferidos para a aula de bordado. E lembro que fiz alguns, muito humilhado, sob a direção de uma senhora da família do Dr. Mendonça. Ela usava um casaco de lã tipo angorá, com diversos fiapos brancos emergindo do casaco.

Numa dessas aulas, por descuido, engoli um botão grande, que ficou entalado na minha garganta e ela me levou para o Sanatório perto, onde fui atendido e retirado o botão, que me deixou longo tempo com uma desagradável sensação na garganta.

Lembro com saudades dos incentivos do Colégio para quem tivesse em 1º de março pronto para estudar. Era distribuído um santinho envolto em plástico a ser colocado em pé com uma escora atrás. As primeiras comunhões eram marcantes. E após a mesma aguardava na classe de cada um comungante uma boneca feita de pão de mel. O Diploma de 1ª Comunhão foi o primeiro que recebi e era costume emoldurá-lo e dependurar na parede.

Eram comuns os passeios coletivos de alunos do Colégio pelos locais em torno da vila e os pic-nics de se passar o dia, levando cada um a sua refeição e fazendo o seu acampamento junto com outro menino.

A Páscoa era marcante! As irmãs no campo atrás do Colégio escondiam ovos de galinha que depois de esvaziados eram pintados e cheios com amendoim com camadas de açúcar e com papel crepom, na parte a ser colocada no chão, simulando um ninho. E era uma alegria procurá-los naqueles campos.

As irmãs fabricavam e vendiam deliciosos puxa-puxas, uma massa cilíndrica de cerca de um centímetro de diâmetro do tamanho de um lápis e envolto em papel encerado de diversas cores e com as pontas torcidas. Eram feitas com rapa-

dura derretida.

Outra guloseima era a merenda consistente em duas fatias de pão de forma recheadas com chimeer (geléia) de uva.

Creio que em minhas Memórias deste período que deixei exemplar na Biblioteca do Colégio, me estendo mais sobre este período, do qual lamento não ter tido um desempenho mais justo com os meus mestres, o que tenho procurado compensar.

De quem seria a culpa. Minha? De meus pais? De meus mestres? Não sei! Só sei que ao me preparar sozinho para a admissão no Ginásio Gonzaga, mudei radicalmente para melhor minha vida de estudante.

O sinal disto teve início ao cruzar depois de aprovado no admissão no Colégio Gonzaga por minha última professora no Aparecida e ela me perguntou ironicamente, convencida de que eu não tinha sido aprovado – “Cláudio, como fostes no exame de admissão?” E eu respondi – Fui aprovado com média 6,5. E ela irônica: “Não acredito!” E seguiu em frente!

Em 1943 e 1944 as meninas tamboreiras do Colégio foram substituídas por 3 meninos. Eu no surdo, Peri Alencar da Cunha no tarol e Antoninho Dreyer na caixa.

Certa feita num ensaio a sombra do figueirão, uma batida minha mais forte furou o couro do meu tambor! E aí tive que enfrentar uma operação sofrida e difícil para consertar o tambor perfurado.

Lembro o dia em que a pé saí de Canguçu até um curtume defronte a Nonda Ribeiro para comprar um couro de cabrito com as minhas parcas economias. E o serviço foi executado pelo músico Venuto Coutinho. Foi um sufoco. Mas restaurei meu surdo!

Uma lembrança muito marcante foi o dia em que fui escolhido para recitar uma poesia numa cerimônia defronte ao Colégio. E no dia lá não apareci. E quem me substituiu foi a aluna Luiza Pereló.

Eu era muito metido a valente, um valor comunitário da minha época. Era brigão e provocador inclusive de pessoas que passavam na estrada, adultos, na maioria das vezes o

Qualeira, o Tanga, cujos nomes eu omito. E saía do pátio para estrada sobre assistência dos alunos e alunas.

E para compensar a inferioridade física com os mais velhos eu usava como instrumentos de dissuasão, cassetetes e uma pequena faca com bainha de couro de peria adquirida de Francisco Ávila (Chico Cabrito, bom amigo daqueles tempos). Usava estes instrumentos como dissuasórios, mas sem pretender usá-los. Lembro que vez ou outra eu era desarmado e depois encontrei sobre o púlpito da professora do 5º ano um punhado de cassetetes (cacetes) que me pertenciam.

Este valor só os abandonei na 3ª série do Ginásio Gonzaga com a pregação do meu professor com base no livro “O homem de caráter”.

Na minha infância predominava a fama de Canguçu e Bagé como terra de bandidos.

Aos domingos era comum à tarde começarem a chegar na vila os baleados ou mortos em brigas nas “carreiras” de cancha reta e bailes de campanha. E estes assuntos eram dominantes nas conversas de meninos meus amigos. Era comum os homens se deixarem levar pelo jogo e consumo de cachaça para driblar a solidão.

Do passado de Canguçu nada ficara. Era uma comunidade sem memória. Daí minha proposta de resgatar a sua História para substituir valores. Os grandes filhos de Canguçu estavam esquecidos. Trabalho que executei durante 50 anos, o que me deixou com uma sensação de realização.

LEMBRANÇAS DE DOCES NA INFÂNCIA

As crianças de meu tempo apreciavam os seguintes doces. Na venda de Santos Paltrinher eram uns caramelos deliciosos em forma de traveseiro, cujo estoque era sempre renovado. Na Casa de Antonico Valente eram umas deliciosas balas de coco, tipo quebra queixo, que eu comprava uma e, um charuto Suerdick holandês para meu pai depois do almoço e, como gorjeta. No bar do Armando Almeida era caramelos de calda de açúcar que eram moldados em formas. Lembro uma forma de

bico ou chupeta e nele encravada uma haste de bambú, para se evitar ficar melado. No seu Mário Silveira existia um caramelo redondo de diversas cores e com um diâmetro de cerca de 2,5 cm que durava a ser consumido, mas delicioso.

Bebida gelada não se dispunha por falta de gelo. Era muito apreciado um refresco de leite de coco no seu Mário Silveira e, em outros locais refresco de groselha. Sorvetes nem pensar. Lembro que Osmundo Tarouco teve um comércio onde possuía uma geladeira a gaz e nela, fazia picolés para vender. Mais tarde Dilermando Mota e mais outro sócio encomendavam gelo em Pelotas e faziam sorvete com uma máquina própria e o vendiam nas ruas. Meu pai comprou uma enorme geladeira a gaz e minha mãe fazia picolés para a casa e parte eram vendidos. Bebida gelada nem pensar. Existiam a cerveja e a gasosa que eram consumidas quentes ou refrescadas em poços, como era em nossa casa, num algibe. As gasosas eram fabricadas por Mário Saco e vendidas em sacos. O primeiro refrigerante que tomei com o nome de Guaraná, foi no casamento de Jarra com Cida e que teve lugar em minha casa. Fui tomá-lo, deslumbrado na escadaria de acesso ao pátio. E tomado um terço não consegui prosseguir. Quente era horrível e repugnante. Gostava muito nas casas mais pobres comer bolo frito, uma massa tipo de pastel mas sem recheio e acompanhado, de jacuba de farinha de milho cateto ou de mandioca. Achava uma delícia. Creio que o melhor churrasco de gado que comi foi um de matambre de novilha, feito por Anselmo Almeida, numa carneada para o açougue e comida com pão d'água adquirido próximo, na padaria de Armando Vieira pai de meu amigo Rolim Vieira. Só faltou comer os dedos. Mais tarde outro churrasco inesquecível foi feito para mim numa pescaria no Camaquã por Felício, com uma costela de ovelha. Ele era empregado de meu padrinho Gentil Silveira.

JOGOS CASEIROS

Outra distração infanto-juvenil eram os jogos em família. Os jogos de carta preferidos eram o Jogo do Burro, do

Sujo, do Sete e Meio e a Escova. Outro jogo era Víspera, hoje, chamado de Loto. Nos dois primeiros, ao derrotado colocava-se um chapéu de burro ou manchava seu rosto com carvão. O Sete e Meio consistia em o primeiro conseguir fazer sete e meio pontos. A Escova era o preferido e o dinheiro era representado por grãos de feijão. Jogava-se muito Pauzinho, que consistia em o oponente tentar adivinhar quantos pauzinhos existiam nas mãos de cada um dos disputantes.

Outra atividade freqüente eram as disputas de rinhas de garnizes. E vai por aí.

OUVIR HISTÓRIAS DE PEDRO MALAZARTE, ETC...

Era comum à noite nos invernos as crianças se reunirem, como foi o meu caso, em torno de Sra. Candoca que sabia uma infinidade de histórias de Pedro Malazarte e Bocache, que ela havia aprendido e nos contava de modo notável. Sra. Candoca tinha por especialidade cuidar com muito carinho de doentes. E vivia nas casas da minha quadra. Ela marcou minha infância. Foi o que definira como um tipo inesquecível.

Marcou minha infância o vizinho Zeca Albano que quando ia a Pelotas trazia diversos presentes e distribuía aos meninos e meninas vizinhos, do alto de uma calçada elevada defronte de seu sobrado. Seus netos que com ele residiam eram Fernando Oscar Lopes que fez carreira no Exército e Joaquim Telesca. Zeca Albano havia nascido em Bagé e filho de um médico militar baiano que se radicou em Bagé e criou o primeiro hospital da cidade onde seu filho Zeca Albano aprendeu prática de Medicina e Farmácia e que com a morte do pai chegou a Canguçu antes da Revolução de 93 em companhia de um médico e ali se estabeleceu e atuou como médico e farmacêutico por mais de meio século. Hoje é nome da rua que passa defronte o Hospital de Canguçu. Foi também um tipo inesquecível em minha infância e muito freqüentei sua casa.

CAÇADAS DE PÁSSAROS E CONVERSAS SOBRE ASSOMBRAÇÕES

Outros meninos apreciavam caçar com alçapão pintasilgos que eram abundantes e cardeais mais escassos. Havia muitos tico-ticos. Outros meninos caçavam pássaros de bodoques e matavam por matar. Era da cultura local.

Eu às vezes caçava nos hoje campos de meu irmão José Moreira Bento, nas matas ciliares dos córregos que nasciam ali com uso de arapucas que eu mesmo fazia. Em casa eu improvisava arapucas para tentar capturar pombas que moravam na torre norte da igreja, e vinham comer as rações das galinhas. Matar pássaros de bodoque, matar por matar! E hoje me arrependo amargamente. Mas era a cultura local na época.

À noite, nos encontros com outros meninos, invariavelmente o assunto era de assombrações, de lobisomens, mula sem cabeça e fatos diversos acontecidos com outras pessoas. Fui criado com um temor ao sobrenatural.

UMA QUEDA NUM POÇO DE 4 METROS

Um fato muito marcante de minha infância ocorrido por volta de 1941.

Eu me recuperava de uma doença passageira comum chamada embaraço gástrico. E no fundo de casa em cima da antiga garagem fora construído um piso com cozinha, instalações sanitárias e banheiro.

E estava sendo construído no pátio, um poço de 4 metros de fundo, para ali ser colocada enorme fossa céptica para colher os esgotos da casa e substituir a latrina e, o lançamento de águas servidas na cozinha numa valeta que escorria a céu aberto.

Eu puxava um automóvel de folha, abrigado por uma capa pois, fazia frio. De repente, o solo me faltou e eu caí no poço, batendo em caminho com o calcanhar esquerdo numa pedra saliente. E cai entre ferramentas e os dois homens que ca-

vavam o poço dando-lhes um enorme susto, pensando eles tratar-se de uma queda de parede. Um deles era Honor Coutinho. Meio tonto fui retirado do poço. E por muito tempo ao correr meu calcanhar esquerdo deslocava quando eu corria.

MINHA INTRODUÇÃO NA VIDA SOCIAL

E até cerca de 10 anos este era o meu mundo. E foi no Carnaval de 1942 que meu pai me introduziu no Clube Harmonia e me forçou a entrar numa roda de meninas e meninos, cantar e dançar.

Todos de mãos dadas giravam cantando, no sentido dos ponteiros do relógio. Uma menina mais desinibida entrava na roda e convidava um menino para com ela girar e ambos enganchados por um dos braços. Aí ela saía da roda e o menino tirava uma menina. E assim por diante. Foi emocionante deixar os brinquedos anteriores e ser assim iniciado nas relações com o sexo oposto.

Era gratificante e emocionante ser escolhido por uma menina que revelava alguma atração por você e vice-versa. Esta sala era exclusiva das crianças que eram proibidas de participarem do salão principal. E aos poucos havia tentativas de nós passarmos para o salão dos adultos. Me recordo ainda bem criança, participar com as meninas da rua da minha casa com canções de roda. Era emocionante lembro desta mais ou menos.

“A víbora da cruz, por aqui quero passar
A da frente corre muito e a de trás ficará.”

UM CASTIGO ORIGINAL E MUITO ÚTIL NO FUTURO

Na 5ª série do Aparecida, como castigo, fui obrigado a decorar uma poesia da qual recordo este trecho que decorei sem atentar para o seu expressivo significado e recado sutil que a mestra tentou me passar.

“Não chores meu filho!
Não chores porque a vida

É luta renhida. Viver é lutar!
A vida é um duro combate.
Que aos fracos abate.
E aos fortes e aos bravos só pode exaltar.”

Mais tarde, recordando este castigo compreendi o seu profundo conselho e procurei me guiar por ele.

VISITA AO APARECIDA DO BISPO JOAQUIM FERREIRA DE MELLO

Em 1940 quando eu cursava o 3º ano, foi tirada foto na visita do Bispo D. Joaquim Ferreira de Mello identifiquei as seguintes alunas e alunos: Amélia Caporlingua, Celi Moreira Pereira, Sueli Borges, Celi Borges, Maria Machado, Mary Prestes, Ema Nascimento Sedrez, Florisbela Barbosa (Florzinha), Alda Valente, Ilva Cardoso (irmã do meu amigo Nede da Biê), Leda Reis (irmã de Doli Reis), Alda Morales, Maria Pureza, Marpha Bento, Ceres Goulart, Ema Telesca, Lenir Terres (irmã do meu amigo Ari Couto Terres) Silvino Borges, Ruy Freitas (filho de Mário Silveira), Ivo Morales (filho de Nereu Morales), Jaime Morales (irmão de Alda), Moacir Mattos, Guilherme (criação do juiz Dr. Pacheco), Adão da Bisinha (meu amigo de infância), Joaquim Telesca, Francisco Ávila Freitas (Chico Cabrito, meu amigo), Ulisses (filho de Chu), João Jorge (meu amigo e filho de Maneco Jorge), Severiano Sedrez, Fernando Oscar Lopes (amigo de infância, fez carreira no Exército como nós), José Moreira Bento (meu irmão), Osmar Telesca (irmão de Ema e Celina), Rude Timm, Érica (filha de um dentista), Zilda Ávila Freitas (irmã de meu amigo Francisco), Elzira Vargas, Ligia Petrucci (filha de Victor Petrucci), Zaza (irmã de Arzelinda citada (irmã de Zazá e filhas do seu Guilherme), Evaldo (irmão de Diná, Zilda e Francisco, filhos do Major Silvino Freitas), Eble (irmão de João Jorge), Ivo Morales (irmão de Ilo), Jesus (irmão de Cláudio, José e Marpha), Luiza Morales (irmã de Ivo e Ilo), Rosalia Krusser Moreira, Maria Perpétua (irmã da Amélia e filhas de Carmelo Caporlingua e casada com Ferdinando Mota), Antonia Vargas, Leda Gonçalves (filha de Cezico

Gonçalves), Luiza Pereló, Maria (irmã de Alda Valente), Amélia Jorge (filha de Cláudio Jorge) e Ida Pereira (filha de Zezeco Pereira) e Leda Heidrich.

Na minha infância eram meus amigos no Colégio Francisco Ávila Freitas, Ari Terres, Adão da Bizinha, Mário Fonseca, Rolim Vieira, Antônio Jacondino, Peri Cunha, e Paulo Morales Nunes recém falecido em Santos onde casou e constituiu família

Fora do Colégio Nede Cardoso, Nede Goulart, Paulo Almeida, Lori Rosa Krusser e Newton e Nilson Prestes

Onde estarão e como estes amigos ou colegas 66 anos depois da foto citada. Muitos deles deixaram Canguçu e tomaram outros destinos.

JOGAR PELADA (FUTEBOL)

Era um martírio andar nos campos de pés descalços, o que era costume entre os meninos naqueles tempos. Éramos feridos por rosetas, um espinho que existe nos campos, ou então cravarmos espinhos nos pés ou tropeçarmos em urtigas.

Jogar futebol era outra diversão e com bolas de pano, ou bexigas de boi, pois era raro alguém possuir uma bola de futebol como as existentes hoje.

Conhecemos uma bola de futebol de couro que meu irmão José tirou como prêmio numa bala que comprara na venda do seu Antonico Valente.

E ele como dono ficou importante. Lembro que jogávamos no pátio do Colégio André Puente que tinha seus muros destruídos.

Em certo momento a bola caiu na rua e um menino que passou a chutou forte contra uma parede, o que irritou meu irmão, que reclamou aquele procedimento. Em reação o menino citado pegou um caco de telha e o atirou em meu irmão, o ferindo na orelha. E em seguida, tentou partir para cima dele e ao tentar subir no acesso ao pátio com cerca de 60 cm eu bati forte no peito dele com um tronco seco de mamona, o obrigando a fugir. E eu atrás dele com um bodoque vagabundo, sem força.

Outra oportunidade era participar de treinos de adultos do

E. C. Cruzeiro, com bolas muito pesadas para os pés infantis.

Lembro de estarmos jogando com uma bola de futebol defronte minha casa e que o primo Clovis Rocha Moreira ao rebater uma bola ela desviou e quebrou uma vidraça do cartório de meu pai. E ele ao verificar o ocorrido levou na esportiva e o Clovis ficou no maior constrangimento.

E por falar em Clovis, lembro dos brinquedos que fazíamos a seu convite em sua casa em cujo porão seu pai guardava como Escrivão do Civil e Crime armas envolvidas em crimes. E nós, sem que ele soubesse, com elas brincávamos de mocinhos. Felizmente não ocorreu nenhum acidente. Lembro que elas eram etiquetadas acerca de que processo faziam parte.

Lembro que sempre brincávamos ganhando a rua por trás da casa do seu Felico Nunes (ainda de pé) pai de Moraima, para onde passávamos correndo por debaixo de um arame alto. Outra vez que fomos lá brincar ouve uma escavação para a colocação de uma fossa céptica e a terra foi depositada debaixo do citado arame. E sem o perceber ao passar sob ele para me esconder numa brincadeira fui barrado pelo arame na altura da boca e caindo no chão. Não percebera que o aterro impedia que tivéssemos livre passagem sob o arame como era costume antes. O Clovis possuía livros dados pelo pai sobre Emilia de Monteiro Lobato, o Almanaque Tico Tico e outras leituras infantis, alimento base para o despertar de sua vocação cultural.

MINHAS CICATRIZES CORPORAIS

Meu corpo guarda diversas cicatrizes de tempo da infância. No dedão da mão direita, um corte de faca quando esta escapou de um queijo duro que eu cortava. Na sobrelha esquerda uma cicatriz de um corte ao cair de bicicleta, no pé direito, entre o dedão e seu vizinho e atrás, uma cicatriz de uma tesoura que caiu ali e perfurou o pé. Na perna esquerda a cicatriz de um corte fundo com arame enferrujado, na perna direita abaixo do joelho, uma cicatriz de uma perfuração com a trava de freio de bicicleta. E em todas o enfermeiro era meu

pai que possuía equipamento para este fim e ficou encantado com o surgimento do band-aid. Lembro que tive um corte na perna e longitudinal causado pela quebra de um arame farpa-do em que eu subira. Fiz um curativo com iodo e o cobri com gaze em forma de meia. Ao retirá-lo minha pele apresentava diversas veias cheia de água. Outra fria, foi ao lado do fogão da minha casa pegar um tição, e sobre ele começar derramar, a distancia, pólvora de um antigo tanque de gasolina de isqueiro e de repente uma forte explosão que arredondou o tanque que era chato e me queimou a mão.

Certa feita foi programada uma visita ao túmulo de um homem morto com um lançasso, segundo constava na Revolução de 93 e que se situava num campo atrás de um umbu na esquina das ruas Silveira Martins com a Fernando Luiz Osório. E ao me deslocar até o sobrado de Zeca Albano, tropecei na escada que dava acesso ao alto de sua calçada e dei com a boca semi aberta na quina de um degrau, disto resultando uma quebra do canto direito de um dente incisivo. Quebra que me acompanhou por muitos anos até ter de extrai-lo. Lembro que o dentista me mostrou que com a queda o dente deu sinal de haver quebrado na raiz e que o tempo soldou a fratura. Lembro até hoje a enorme dor que senti. Mas fomos depositar flores no túmulo que existia até 1983 quando lancei a 1ª edição de Canguçu reencontro com a História.

A PRIMEIRA VIAGEM À PELOTAS

Conhecer Pelotas com cerca de 5 para 6 anos foi uma grande emoção infantil. Lembro que sai com meus pais de Canguçu no caminhão de José Almeida, personagem singular, atenciosa que durante a viagem cantava e recitava poesias e parava pelo caminho demorando a viagem bastante, com suas paradas freqüentes pelo caminho. Ele era filho de Otávio Almeida. Chegou a posição de vereador. Foi grande a sensação de velocidade 60 Km /hora que o caminhão atingia na várzea de Pelotas na chamada então” Estrada de rodagem”, muito bem conservada que permitia maior velocidade numa

pista bem conservada, sem valetas e ondulações. A chegada em Pelotas foi notável pela Avenida Duque de Caxias. Logo avistei encantado um bonde, e a seguir um trem com enorme quantidade de vagões. E na altura da usina, uma boa quantidade de dispositivos que lançavam a água no ar para a resfriar e éramos atingidos por refrescantes gotas de água. A noite deslumbrei-me com os anúncios luminosos de gás néon. Lembro o encanto com a Casa das Meias com uma imensa variedade de balões. Era a época da marchinha Mamãe eu quero. Ficamos hospedados no antigo Hotel Glinder, na esquina da Andrade Neves com a 7 de setembro, onde deparei com diversas novidades. A instalação sanitária que acendia a luz ao nela entrar-se, o sistema de campainhas para chamar-se a arrumadeira. Do meu quarto na esquina me chamou a atenção um Bule Monstro na loja com este nome. O motivo principal da viagem era uma consulta sobre um problema no meu nariz que foi solucionado pelo médico. Causou-me forte impressão a altura do edifício onde até hoje funciona o Café Aquário. Lembro haver andado de bonde com meu pai até o porto para lá assistir uma festa de N. S. dos Navegantes. E me delicieei com a vista de barcos a motor chamados Gasolinas, e com a ponte ferroviária Pelotas–Rio Grande sobre o São Gonçalo. Meu pai me levou até a praça Pedro Osório. E sentados defronte o Club Caixeiral se apresentou um menino vendendo algo e meu pai pediu que me entregasse um picolé. E ao agarrá-lo e apertá-lo na mão senti um frio intenso e o joguei no chão. Foi aí que meu pai explicou do que se tratava. E foi uma delícia o primeiro picolé. Lembro que ele me mostrou o local do futuro monumento a pelotense Yolanda Pereira, considerada em concurso de beleza a maior beldade brasileira. Mais tarde voltei a Pelotas com minha mãe, parando na casa de uma tia muito rica a Tia Miguelina que ficava próxima do Cine Avenida. Lembro de seu automóvel Ford 38 novinho no qual, encantado, fui levado até o Mercado por Zequinha Mattos que o dirigia. Lembro ainda aquele cheiro de carro novo. Ali na citada casa assisti um desfile do Colégio Gonzaga no qual vi meu irmão Genes Bento. Chamou-me a atenção a Banda de

Tambores do Colégio, da qual eu participaria como tamboreiro de 1945 a 1948. Lembro que retornei a Canguçu no moderno carro de praça de Osmundo Tarouco mas no meio de um casal que pouco falava. Foi um martírio! Lembro a minha saída de Canguçu ao final de minha meninice em 1944 para prestar exame de admissão ao Ginásio Gonzaga. Era um Ford 36 movido a gazogênio. Era abastecido com carvão. Lembro que o motorista me solicitou ajuda sob a promessa de me pagar uma gasosa, (refrigerante) que até hoje espero sentado por ela. No Fiz foi reabastecido o carro o suficiente para chegar a Pelotas.

A PRIMEIRA VIAGEM À RIO GRANDE

Em 1941, aos 10 anos, fui a Rio Grande em companhia de minha irmã Luiza que lá residia desde 1937. Foi a primeira vez que andei de trem, experiência emocionante. Lembro que na Estação de Rio Grande minha irmã caiu de joelhos com seu filho Fernando no colo, mas sem o ferir. Dali fomos a pé para a casa que moravam, no Canalete próximo ao Quartel do atual Grupo Marques de Tamandaré e, tive ali o primeiro contato com uma tropa do Exército saindo para de um exercício militar. Ficava encantado ao contemplar os peixes pequenos nadando nas límpidas águas do canalete que era muito bem vigiado pelos bombeiros. Há pouco encontrei em visita ao Grupo Marques de Tamandaré, a casa onde morava minha irmã. Lembro que era tempo de Carnaval e que me fantasiei com meu sobrinho Flávio e andei em volta da quadra. Era época da seguinte marcha carnavalesca.

“Eu perguntei ao malmequer se meu bem ainda me quer. E ela então me respondeu que não, chorei mas depois eu me lembrei que a flor também é uma mulher que nunca teve coração. A flor mulher iludiu meu coração! ...”

Foi deslumbrante a vista do Porto Velho de Rio Grande, um mundão de água que eu nunca havia visto. Lembro que passava pela rua um menino maior do que eu que entregava viandas e, que implicou comigo e, passei a provocá-lo. Certa feita ficou entre mim e a casa de minha irmã, tive que correr

e entrar numa padaria de esquina, onde iniciamos uma briga que foi apartada pelo dono. Vendo ele que meu agressor era bem maior que eu, o prendeu pelas mãos, e mandou que eu desse um chute na traseira do menino e corresse. E pouco depois ele saiu em meu encalço, tive que entrar num armazém. O proprietário nos apartou, nos repreendeu e, cada um foi para o seu destino. Lembro da Praça Tamandaré, onde me mostraram o túmulo do General Bento Gonçalves, o Mercado movimentado e hoje em decadência. Lembro que retornei a Pelotas de Carro Motor, uma espécie de ônibus sobre trilhos. Eu e meu sobrinho Flavio esvaziamos algumas caixas da mudança de minha irmã que ainda não tinham sido abertas, algumas giletes enferrujadas e passamos a dar pequenos cortes na pernas. Desconhecíamos o perigo do tétano. Ao chegarmos o pátio estava tomado por capim de cerca de meio metro e, a cerca era de tábuas de pinho.

Ali comi o pior doce de minha vida oferecido por uma vizinha. Era um sagu feito com vinho e coberto de merengue. Que coisa horrível!

Neste tempo não imaginava que um dia eu contribuiria para a História de Rio Grande, especialmente sobre a sua dominação pelos espanhóis de 1763/76 e a sua reconquista que abordei em vários artigos e em especial no livro A Restauração do Rio Grande do Sul 1774/1776. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.

Lembro que quando menino ouvi uma conversa de um cidadão em Canguçu dizendo que ele jamais iria a Rio Grande. Pois, a cidade era uma espécie de taça sob a qual existia um fino suporte de terra que um dia poderia quebrar e a cidade submergir. Afirmação que assombrava os que a ouviam.

Nesta época a tuberculose era comum em Rio Grande, considerada a que possuía mundialmente um dos maiores índices mundiais desta doença ao lado, se não me falha a memória de Singapura. Era uma ameaça assustadora e poucos os que por ela eram atingidos sobreviviam.

Fiquei impressionado com a beleza do Quartel General do Exército em Rio Grande que fora, o primeiro no Rio Grande do

Sul construído para aquele fim

Hoje tenho visitado Rio Grande com frequência onde tenho pesquisado sua História Militar e em 22 de janeiro de 2007, lá inaugurei o Memorial de História Militar.

A PRIMEIRA VIAGEM À PIRATINI

Lembro que foi para assistir uma exposição agro-pecuária em local próximo ao futuro Posto Agro Pecuário onde meu irmão Ernani Moreira Bento participou de sua instalação. Fiquei impressionado com os prédios onde haviam sido instaladas a República Rio Grandense. Palácio do Governo (ocupado pelo Hotel do Noquinho) o Ministério da Guerra e Marinha, (hoje transformado em Museu) e as ruas calçadas com pedras irregulares. A igreja atual onde atuava um padre muito caridoso e humilde. Piratini de onde veio criança meu avô Carlos Norberto Moreira, filho de Ignácio José Moreira nomeado o primeiro funcionário da justiça do então criado município de Canguçu e que fora secretário do Ministério do Interior farrapo cujo ministro foi Ulhoa Cintra. Lembro de um almoço a noite sob uma luz elétrica bruxoleante e a visão do Dr Luis de Oliveira Lessa, filho de Canguçu e prefeito e que havia atendido meu nascimento. Mais tarde fui mais vezes em Piratini, culminando com a fundação da Academia Piratiniense de História quando constatamos como Piratini havia crescido. Em 2.000 escrevemos plaqueta Piratini um símbolo gaúcho farrapo onde resgatamos nossas raízes familiares em Piratini. Na viagem conheci as Pedras das Mentiras e o açude da Lacerda de Floricio Ribeiro no qual vi pela primeira vez um barco nele ancorado, um caíque. Foi uma grande novidade!

TIRO DE GUERRA 31 E O DESTACAMENTO DA BRIGADA MILITAR

Data de minha infância e meninice meus primeiros contatos com a vida militar, profissão de minha escolha e na qual trabalhei por mais de meio século sendo que 40 anos no ser-

viço ativo, e mais, fui contratado para escrever a História do Exército na Região Sul. O primeiro contato foi com o Destacamento da Brigada Militar, que ocupava a cadeia defronte a qual foi construída a Praça de Esportes Dr Jaime de Farias. E ali recebíamos orientações na prática de vôlei e basquete de integrantes do Destacamento. Lembro das instruções de tiro ao alvo que eles praticavam, atirando do antigo campo de futebol ao lado da cancha reta na chácara de minha avó Firmina Moreira em alvo colocado no encontro dos barrancos do campo de futebol do Cruzeiro, parcialmente resultado de escavação do sopé do cerro da Liberdade hoje arrasado, para aterro do Superporto de Rio Grande e onde era colocada uma bandeira vermelha de alerta de perigo.

No início dos anos 40, interessado, assistia como ouvinte instruções públicas do Tiro de Guerra 31 de Canguçu, sob a direção do Sargento Sebastião que casaria com a canguçuense Aida Mota. E como ouvinte aprendi muito. Nos anos 80, como Diretor do Arquivo Histórico do Exército deparei com toda a sua documentação lá arquivada.

Lembro de nos deslocamentos o Sargento se dirigir com frequência a um aluno dizendo. Acerta o passo Fulano. E que este Fulano cujo nome omito, ao prestar exame em Pelotas que conhecera pela primeira vez, perguntado do que ele mais gostara, respondeu: “- De comer banana e andar de bonde!”. Publico uma foto de seus integrantes no livro Canguçu reencontro com a História - 2ª edição.

HOMENAGEM AOS MEUS CONTEMPORÂNEOS MENINOS E MENINAS QUE LEMBRO MORAVAM EM CANGUÇU 1931-1944

Meninos: Adão Couto Terres, Adão (da Bisinha), Adão Jesus Marques Pereira, Aldo Borges, Ari Borges, Alcides Vargas, Aldrovando Pereira, Américo de Jesus Goularte, Alvin Borges, Antônio Dreher, Antônio Jacondino, Ari Couto Terres, Arzelindo (filho Sr. Chu), Badeco (filho Sra.

Chacota), Carlos Coelho Almeida, Darci Coelho Almeida, Cairo Moreira Pinheiro, Carlos Moreira Pereira, Darci (Sr. Manoel), Clóvis Rocha Moreira, Davis de Oliveira, Eider Telesca, Felício Terres Nunes, Ferdinando Mota, Fernando Oscar Lopes, Flávio Goulart Freitas, Francisco Ávila Freitas, Genes Corrêa de Paiva, Genes Gentil Silveira Goulart, Gilberto Coelho, Guilherme (adotado pelo Dr. Pacheco), Gilberto Moreira Mussi, Ivo Morales, Ilo Morales, Jaime Aguiar, Jaques Rocha Mota, Jesus Moreira Bento, João Jorge, José Moreira Bento, Junio Manke, Julio Alci Gomes Molina, Junior Manke, Luiz Carlos Barbosa Lessa, Lúcio Newton Meireles Prestes, Luiz Carlos Morales Nunes, Mário Fonseca, Moacir Mattos, Mogar, Telesca Silveira, Nadir Fonseca, Nede Goulart, Nedi Landi Cardoso, Nena (adotado por Venêcia Cardoso), Nilson Meireles Prestes, Odilon Almeida Mesko, Odilon Rodrigues, Olavo Pinheiro, Osmar Telesca, Paulo Almeida, Paulo Paiva, Pedro “mulita”, Paulo Morales Nunes, Paulo Rodrigues, Peri Alencar da Cunha, Pompeu Puente, Barbosa, Roberto Coutinho, Rolim Vieira, Rudi Timm, Rui Silveira, Saul Duarte, Severiano Sedrez, Zeferino Couto Terres, Ubirajara Telesca Silveira, José de Oliveira Luiz, José Valente do Nascimento, José Adriano Moreira Mota (Guigui), José Hipólito (da Teca).

Meninas: Arzelinda Coutinho Soares, Áurea Lopes Pereira, Alda (Aldinha) Sedrez, Amélia Caporlingua, Ana Barbosa, Antônia Vargas, Célia Borges, Célia Rosa, Daisi Borges, Cotinha Sedrez, Dilma Goulart, Ecíla Gomes Molina, Elbia Jorge, Elzira Vargas, Eloá Barbosa, Eva Couto Terres, Érica (criação Dr. Rochembauer), Francisca Dorneles, Ieda Paiva, Ione Paiva, Ione Barbosa Coelho, Lea Heidrich, Leda Heidrich, Leda Gonçalves, Leila Barbosa Coelho, Lígia Petrucci, Luci Manke, Luiza Pereló, Luiza (neta Zeca Albano), Maria Aguiar Valente, Maria Alice Tarouco, Maria Candida Bento Shepffe, Maria Hipólito, Maria Moreira Bento, Maria (criação Mimosa Varques), Maria Perpétua Caporlingua, Maria Rocha Goulart, Márcia Rocha Morei-

ra, Marlene Barbosa Coelho, Neusa Rosa, Norma Goulart, Onda Gomes Molina, Rosália Krusser Moreira, Rosenda Barbosa, Tereza Moreira Caldeira, Teresa Paiva, Tereza Rosa, Zaida Almeida, Zaida Manke, Zilda Avila Freitas, Vilma Goulart, Zaza Coutinho Soares.

Saudades aos que já nos deixaram e saúde e vida longa para os sobreviventes, nesta evocação de seus nomes depois de cerca de 70 anos de meu ingresso no Colégio Nossa Senhora Aparecida em 1938. Evocação como testemunhas de minhas lembranças nesta memória que talvez seus descendentes tenham curiosidade de verificar como vivíamos em Canguçu na década de 30 até a metade da década de 40.

As meninas saem citadas em menor número, pois, naquele tempo elas tinham vida e criação apartadas dos meninos e na escola, o recreio era em local diferente ao dos meninos.

SUGESTÃO: Como seria útil e valioso para a memória de Canguçu, se o máximo destes contemporaneos aqui lembrados, escrevessem suas lembranças para seus descendentes.

• • •

**FOTOS DA INFÂNCIA E MENINICE
DE CLAUDIO MOREIRA BENTO 1931-1944
EM CANGUÇU-RS**



BATIZADO em 25 Dezembro 1932, com 1 ano e 2 meses e 6 dias



**CLÁUDIO em dez 1933 Dia da inauguração da Luz
em Canguçu com 2 anos**



Cláudio em 19 de abril de 1940 com 8 anos e 6 meses, na visita ao Colégio Aparecida do Bispo de Pelotas D Joaquim Ferreira de Mello. Cursava o 3º ano primário. Abaixo fardado seu amigo Francisco Ávila Freitas e abaixo dele Ulisses filho do sr Chu (Fonte Arquivo Conrado Ernani Bento)



Irmãos Jesus e Cláudio Moreira Bento em 1941 com 8 e 10 anos (Fonte Arquivo Conrado Ernani Bento)



Irmãos Maria Firmina, Jesus, Cláudio e José Moreira Bento com 6, 8, 10 e 12 anos, alunos do Colégio Aparecida em 7 de setembro de 1941. Luto de 6 meses pelo falecimento do irmão Genes. Estamos com cara de choro por repreensão paterna para controlar o riso para o fotógrafo Egídio Camargo, tirar a foto. (Arquivo Conrado Ernani Bento). O autor usou farda de 1938 a 1991 por 53 anos, no Aparecida, no Ginásio Gonzaga e no Exército, de soldado a Coronel de 1950 a 1991.



Irmãos Cláudio com 10 anos e José com 12 anos em 1942 usando luto de 6 meses pala perda do irmão Genes. Foram as nossas primeiras fajtotas e adquiridas no Mazza, em Pelotas, numa visita que lá fizemos com nosso pai. Meu cabelo esta arrepiado por rebelde (Fotos Arquivo Conrado Ernani Bento) Foto de Egidio Camargo



Meu sobrinho José Leonardo filho de Agostinho Viana e de minha irmã Carmen Bento Viana ao lado de meu saudoso cachorro ovelheiro que me foi presenteado pelo meu grande amigo Ari Couto Terres. Anchilin era o personagem de uma novela rádio que era acompanhada por minha mãe. E alguém chamou carinhosamente meu cachorro de Anchilin e o nome pegou. Mais tarde, ele foi atropelado por um jeep dirigido pelo Eng. Agrônomo Dulfe Pinheiro Machado, Diretor do Posto Agropecuário, tendo de ser sacrificado por meu irmão Ernani. Sofri muito com a perda deste meu amigo muito especial (Arquivo Conrado Ernani Bento)



Casa paterna onde nasci e vivi do nascer aos 13 anos. Foi adquirida por meu pai em cerca 1922 e melhorada com a construção de um algi-be. Na frente uma dupla escada onde lembro que ao iniciar a caminhar rolei uma vez pela escada a esquerda. Na da direita fui fotografado ao ser batizado no Natal de 1932, depois do término da Revolução de 32 (Foto Arquivo Conrado Ernani Bento)



Casa paterna depois de sua reforma em c/1942, vendo-se no fundo sobre a garagem mais um piso com instalações sanitárias, quarto de banho e cozinha bem ampla com água encanada. Nivelamento calçadas e mudança de aberturas etc. Na foto Jaques Mota, o autor e Fernando Oscar Lopes que fizeram carreira na Brigada Militar (Jaques) e os outros dois no Exército (Foto Arquivo Conrado Ernani Bento)

PRINCIPAIS OBRAS DO AUTOR SOBRE CANGUÇU

- Canguçu reencontro com a História - um exemplo de reconstituição de memória comunitária. 1ª edição em 1983 e 2ª edição bastante ampliada em 2007.

(Livros sintetizados de pesquisa bem mais ampla à disposição em diversos locais relacionados nas citadas edições sob a forma de cópias xerox encadernadas).

- Canguçu 200 anos. (Fundação, Efemérides, na História Militar e a Lenda da Pedra das Mentiras. Resende: ACANDIHIS, 2000.

- Os 200 anos da Igreja Matriz N. S. da Conceição de Canguçu 1800-2000. Resende: ACANDIHIS, 1999.

- Revista dos 200 anos de Canguçu. v.1. Foi o Organizador e autor de vários textos. Resende: ACANDIHIS, 2000.

- Prefácio livro de Ilka Neves. Canguçu-RS Primeiros moradores, primeiros batismos. Pelotas: Ed Universitária/UFPEL, 1999.

- Prefácio livro Conhecendo Canguçu – um novo olhar.

Canguçu, 2007. Coordenado pela Irmã Cecília Rigo e autoria de um grupo de professoras de Canguçu.

Prefácio livro NASCIMENTO, Eloah Moreira. Era uma vez em Canguçu. Pelotas: Gráfica Princesa, 2007.

Memórias de Cláudio Moreira Bento 3 v. Existentes com o autor e Biblioteca do Aparecida e indicam outros locais onde se encontram. São encadernadas.

E o autor escreveu muito sobre Canguçu em sua obra literária histórica, em especial no Diário Popular e publicações do CIPEL, pois Canguçu sempre foi a sua inspiração. E merece destaque seus livros:

- O Exército farrapo e os seus chefes. Rio de Janeiro:

BIBLIEx, 1992. 2v e

- O Negro e descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: IEL, 1975. Escreve sobre a Real FORTIFICAÇÃO do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu etc.